

# Em louvor de Santa Rosa

Isabel de Flores y del Oliva, codinome Rosa, nasceu em Lima no ano de 1586. Filha de pais muito pobres, sustentava-os com trabalhos de agulha e cultivando flores. Resistia às tentações das moças de sua idade pelo retiro voluntário, rezando sem parar, quando se infligia penas cruéis. Hoje, seria

objeto da preocupação profissional do grande Arnaldo Madruga, mas o certo é que acabou incluída no meu dicionário de santos como a primeira pessoa das Américas a ser canonizada.

Mas não é da Santa Rosa, do Peru, que pretendo falar, e sim de uma outra Santa Rosa, da Pampulha, jornalista e produtora cultural, ex-diretora do Departamento de Planejamento e Coordenação Cultural da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte (1990-1994), responsável pelo anteprojeto da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, atual diretora do Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro.

Acontece que a Fundação, de uns tempos a esta parte, vem editando livros do maior interesse para estas Minas. Livros que explicam e justificam a existência da Fundação João Pinheiro. Amigos comuns me dizem que seu presidente Roberto Borges

**■ não é da Santa Rosa, do Peru, que pretendo falar, e sim de uma outra Santa Rosa, da Pampulha, jornalista e produtora cultural...**

leitor, este país deve a Junot, general de Napoleão, a "transmigração" da família real portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro, em 1808. Do livro chatíssimo do padre Perereca (se que pode esperar um padre Perereca?), extraio: "... em memória de tão glorioso acontecimento, devem todos os brasileiros, especialmente os fluminenses, gravar nos seus corações o ditoso dia 7 de março /.../ em que tivemos a honra, e a glória de receber neste porto do Rio de Janeiro o senhor D. João, Príncipe Regente de Portugal, nosso amabilíssimo soberano, trazendo em sua companhia a sua augusta mãe, a senhora D. Maria I, rainha de Portugal e dos Algarves, e sua prezada consorte ...".

A prezada consorte, Carlota Joaquina de Bourbon, era um bicho para zoológico nenhum

Martins, que não conheço pessoalmente, é cidadão da melhor supinidade, quarta geração de belo-horizontinos natos, coisa rara numa cidade que ainda não completou 100 anos.

Como sabe o

botar defeito, além de ter a real perereca em permanente ebulição. Quanto à augusta mãe, rainha de Portugal e dos Algarves, era louca da cabeça, o que acontece nas melhores famílias. E as duas acabaram entrando em minha estória como Pilatos no Credo, quando tudo que pretendo é agradecer a outro Junot, general montes-clarino, e a Eleonora Santa Rosa, que ajuda Roberto Martins a pilotar o barco da Fundação João Pinheiro, pelo belo e utilíssimo livro com que tiveram a gentileza de ilustrar as estantes da oficina literária de Savassi Hills.

Faço votos que prossigam em sua missão editorial, que honra, ilustra e dignifica uma administração, para que o contribuinte se possa orgulhar dos impostos que recolhe à burra do Dr. João Heraldo dos Santos Lima e o vosso texticulista possa, enfim, encontrar motivos para elogiar os

administradores destas Minas, depois da bisonhice de ser esquecido na composição dos conselhos fiscais do BDMG, do Bemge ou, vá lá, do Banco de Crédito Real de Minas Gerais.

**■ A prezada consorte, Carlota Joaquina de Bourbon, era um bicho para zoológico nenhum botar defeito, além de ter a real perereca em permanente ebulição**

(Curraleiro de pesca artesanal em Montes Claros)